



A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DO HOMEM SEGUNDO SCHILLER: POSSÍVEIS REFLEXÕES EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Everson Ferreira Dias¹

Luiz Carlos Seixas²

SCHILLER'S AESTHETIC EDUCATION OF MAN: Possible reflections on aesthetic education in contemporary times

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo, fazer uma reflexão a respeito do conceito de educação estética, dado por Schiller em sua obra "A educação estética do homem", também conhecida como "cartas estéticas" (SCHILLER, 2002). Além disso, tentaremos também fazer uma reflexão sobre a educação estética em relação à contemporaneidade. O trabalho tem como metodologia uma análise teórica dos impulsos: sensível (relacionado à existência física do homem), formal (relacionado à parte racional do homem), lúdico (correspondente à arte) e como eles se relacionam no processo educacional, na perspectiva de Schiller. Neste processo, Schiller julga ser necessário um novo impulso no qual o sensível e o formal venham a agir de forma recíproca sem intervir um no outro. Este novo impulso teria que ser oposto aos anteriores, a fim de que não desse preferência por nenhum. Este novo impulso é o lúdico e corresponde à arte. O lúdico é que tem a capacidade de restaurar o homem, não dando preferência pela forma ou pela vida, mas pela própria forma-viva. Assim, o homem alcançaria a plenitude, se tornando belo, íntegro e moral. Neste trabalho, conclui-se que o projeto de uma educação estética é feito com o objetivo de restaurar o homem moderno, mas que também podemos pensá-lo na contemporaneidade, a partir de uma educação que não privilegie somente a experiência (sensível) ou a lógica e memorização (formal), mas que contemple a criatividade (lúdico / estética) do aluno no processo educacional.

Palavras-chave: Schiller 1. Educação 2. Estética 3. Belo 4. Contemporaneidade 5.

Abstract:

This paper aims to reflect on the concept of aesthetic education as presented by Schiller in his work "The Aesthetic Education of Man," also known as "Aesthetic Letters" (SCHILLER, 2002). Furthermore, we will attempt to reflect on aesthetic education in relation to contemporary times. The methodology employed is a theoretical analysis of the following impulses: the sensible (related to the physical existence of man), the formal (related to the rational part of man), and the playful (corresponding to art), and how they relate to each other in the educational process, from Schiller's perspective. In this process, Schiller considers a new impulse necessary, in which the sensible and the formal act reciprocally without interfering with each other. This new impulse would have to be opposed to the previous ones, so as not to give preference to any one in particular. This new impulse is the playful one, and it corresponds to art. The playful impulse has the capacity to restore man, not giving preference to form or life, but to the living form itself. Thus, man would achieve fullness, becoming beautiful, whole, and moral. In this work, it is concluded that the project of an aesthetic education is made with the objective of restoring modern man, but that we can also think of it in contemporary times, from an education that does not privilege only

¹Graduado em Filosofia - Licenciatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2016 – 2020). Graduando em Português - Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2020 -). Especialista Libras, Gestão Escolar e Educação Especial e Inclusiva – UNIASSSELVI (2022 - 2023). É professor temporário de Filosofia da SEDUC-CE, lotado na EEEP Guilherme Teles Gouveia. eversonphilos@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5118160238604050>.

²Mestre em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo - USP (1990 – 2000). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Marcos - USM (1989). Especialista em Educação no Ensino Superior - FMU (2011). É professor efetivo de Sociologia da SEDUC-CE, lotado na EEEP Guilherme Teles Gouveia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7014021855769449>

experience (sensory) or logic and memorization (formal), but that contemplates the creativity (playful / aesthetic) of the student in the educational process.

Keywords: Schiller 1. Education 2. Aesthetics 3. Beauty 4. Contemporaneity 5.

1. INTRODUÇÃO

Schiller se encontra em um contexto da modernidade, no qual a Europa experienciara a Revolução Francesa, que inspirada pelos ideais iluministas, ainda não havia alcançado o seu principal objetivo, a elevação do homem à liberdade. Tal objetivo estava pautado na libertação do homem de toda forma de poder opressor, seja na esfera política ou religiosa, as quais eram as instâncias de dominação da época. Para que a liberdade viesse a ser efetivada, segundo os ideais iluministas, o verdadeiro caminho que a sociedade deveria seguir era o da razão. A razão parecia ser o caminho seguro pelo qual o homem alcançaria a plena liberdade (SCHILLER, 2002, p. 32)

Kant (1990, p. 1) afirmava que, por meio do iluminismo o homem viria a viver não mais submetido a outrem e atingiria a maioria intelectual, ou seja, a liberdade. Porém, a esperança da construção de uma nova sociedade pautada nas leis da razão não se realizou, e segundo Schiller, ocorreu a "queda" da sociedade moderna quando esta começou a mostrar os frutos da violência advindos mediante a queda da Bastilha, a execução de Luís XVI e todos os desdobramentos seguintes. Uma vez tomados pela violência, os homens apenas se mostravam cada vez mais escravos de seus próprios instintos selvagens, não chegando nem a experimentar a verdadeira liberdade almejada.

O problema da modernidade, para Schiller, é alcançar a verdadeira liberdade. Para isso, se faz necessário recuperar a natureza do homem, de modo que não prevaleça mais o domínio do impulso formal sobre o impulso sensível e vice-versa. Tal problema é citado por Bezerra (2018, p. 12) quando o mesmo reforça que desde a filosofia grega, passando pela modernidade, até os dias atuais, vigorou sempre uma concepção antropológica pautada numa visão unilateral da racionalidade em detrimento da natureza sensível do homem. A partir deste problema constatado por Schiller na modernidade, podemos refletir sobre o processo educacional na contemporaneidade, que por muitas vezes pode vir a dar maior ênfase a um impulso do que a outro, não considerando o indivíduo em sua completude; o impulso racional, por exemplo, quando se visa muito a memorização passiva a partir de processos avaliativos padronizados, que deixam de lado outra parte importante do ser humano, a sua criatividade. Esta, por sua vez, só é exercitada quando o homem recupera a sua natureza, a partir do equilíbrio dos impulsos, que só é alcançado a partir da educação estética. Ou seja, assim como na modernidade, a atual educação segue um modelo fragmentado.

Porém, como alcançar a harmonia entre os impulsos? Apesar deste ser um problema constatado no período moderno, como podemos pensá-lo na contemporaneidade? É preciso que o homem seja educado pela arte, essa deve enobrecer sua natureza, torná-la novamente íntegra. A unidade das forças só é possível através da plenitude das mesmas. Mas, como o homem pode atingir essa plena antropologia? Qual o processo rumo a ela e qual a importância da arte neste processo? São estas questões, portanto, que irão nortear esta pesquisa.

2. TEORIA DOS IMPULSOS

O homem, segundo Schiller, é regido por duas forças aparentemente opostas, às quais são nomeadas por "impulsos", identificando-os como: impulso sensível e impulso formal. Estes, por sua vez, são independentes um do outro, possuem características próprias, princípios próprios e uma aparente autonomia, a qual só é considerada quando os tomamos isoladamente.

O impulso sensível, diz respeito à existência física do homem; tem como principal tarefa, submetê-lo às limitações do tempo na vida física. Por ser matéria e realidade, ou em outras palavras, "vida", este impulso é voltado para a multiplicidade cuja a natureza é a constante modificação (devir). Neste sentido, tal impulso irá preencher o tempo com o seu próprio conteúdo. Schiller diz que:

Matéria não significa, aqui, senão modificação ou realidade, que preencha o tempo; este impulso exige, portanto, que haja modificação, que o tempo tenha um conteúdo. Este estado do tempo meramente preenchido chama-se sensação, e é somente através dele que se manifesta a existência física. (SCHILLER, 2002, p. 63).

No tempo, o homem físico experimenta o presente e limita sua existência ao mesmo, não conseguindo vir a usufruir de suas inúmeras possibilidades. Ou seja, o toma como objetos do impulso sensível, tornando-os momentos sem personalidade, sem um "eu", uma vez que este foi suprimido pela sensibilidade. Segundo Sussekind (2011, p. 16), o tempo é pensado como a condição de todo o ser ou vir a ser, de todo "estado", de toda existência determinada. Assim, no homem limitado, o impulso sensível somente efetiva a sua finita extensão, fazendo com que a perfeição lhe pareça impossível.

Já o impulso formal, diz respeito à existência absoluta do homem, sua natureza racional. Ele busca o necessário, a unidade, a permanência, se opondo assim, a toda multiplicidade e mudança no tempo. Ele busca,

por sua natureza, a imutabilidade em contraposição a toda alternância temporal. Diferentemente do impulso sensível, que busca se afirmar no presente, o impulso formal exige a eternidade. Dessa forma, através da supressão do tempo, ele busca o que é necessário e eterno. Como argumenta o filósofo:

Por não poder a pessoa, enquanto unidade absoluta e indivisível, estar jamais em contradição consigo mesma, por sermos nós mesmos em toda eternidade, o impulso que reclama a afirmação da personalidade jamais pode exigir algo diferente daquilo que tem que exigir por toda a eternidade; decide, portanto, para sempre como decide para agora, e ordena para agora o mesmo que ordena para sempre. (SCHILLER, 2002, p. 64)

Percebe-se que em ambos os impulsos a oposição não implica necessariamente em dizer que deva existir uma espécie de subordinação de um para o outro. O impulso sensível exige modificação, mas isso não significa dizer que ele possa vir a transgredir a unidade do impulso formal; o impulso formal exige unidade e permanência, mas isso não significa que ele possa vir a fixar o impulso sensível e toda a sua modificação. Então, a subordinação não seria viável para a teoria estética, uma vez que ela geraria apenas uniformidade, fazendo com que os impulsos se anulassem um em função do outro. Subordinar é bem diferente de gerar harmonia entre os impulsos, que é o objetivo de Schiller.

Schiller entende que deve-se haver uma ação recíproca entre ambos. O conceito de ação recíproca implica em dizer que ambos os impulsos teriam sua fundação e limitação um no outro. A modificação precisa de algo que perdure e a realidade limitada precisa de uma realidade infinita; assim como o que perdura precisa de modificação, a realidade absoluta precisa limites para a sua manifestação.

Quando o homem manifesta exclusivamente um destes impulsos ou faz uso dos mesmos de forma isolada, ele não consegue efetivar sua verdadeira natureza. A não efetivação de sua verdadeira natureza, revela um ser fragmentado, considerado também como expressão da decadência humana. Tal decadência não condiz com sua plena antropologia, na qual, os impulsos devem agir de forma recíproca. Ou seja, o homem só consegue experimentar a plenitude humana, quando seus impulsos estão em harmonia, sem a exclusividade de nenhum dos dois.

Schiller, neste sentido, julga ser necessário um novo impulso, no qual os impulsos sensível e formal devem ser unificados. Por sua vez, este impulso deve conter em si os outros dois, de um modo que ele irá introduzir a harmonia entre ambos. Este novo impulso, Schiller o chama de impulso lúdico.

O impulso lúdico é aquele que une os dois anteriores, fazendo com que eles ajam conjuntamente. Visto que o impulso sensível quer a modificação e o formal a identidade, o papel do impulso lúdico seria estabelecer uma relação entre ambos. O impulso sensível limita a liberdade, por sua vez, o formal limita a vida; desta forma, ambos os impulsos se autolimitam: o sensível por leis morais e o formal por leis físicas. Neste conflito, o impulso lúdico deve harmonizar necessidades físicas e morais ao mesmo tempo. Assim, o impulso lúdico liberta o homem moralmente. Sobre a harmonia dos impulsos, Schiller diz:

O impulso lúdico, portanto, no qual ambas atuam juntas, tornará contingentes tanto nossa índole formal quanto a material, tanto nossa perfeição quanto nossa felicidade; justamente porque torna ambos contingentes, e porque a contingência também desaparece com a necessidade, ele suprime a contingência nas duas, levando forma à matéria e realidade à forma. Na mesma medida em que toma às sensações e aos afetos a influência dinâmica, ele os harmoniza com as ideias da razão, e na mesma medida em que despe as leis da razão de seu constrangimento moral, ele as compatibiliza com o interesse dos sentidos. (SCHILLER, 2002, p. 75)

O conceito de impulso lúdico, não se prende somente à forma (impulso formal) e nem à vida (impulso sensível), mas à própria forma-viva. Este conceito remete ao belo, ao homem estético, à plena antropologia. A beleza não é puramente forma, pois se assim fosse ela não teria conteúdo; ela também não é puramente vida, pois se assim fosse ela não teria forma. Segundo Schiller, "somente quando sua forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso entendimento o homem é forma viva e este será sempre o caso quando julgamos o belo" (SCHILLER, 2002, p. 78). É a partir do conceito de impulso lúdico que o próprio conceito de humanidade se completa, pois o mesmo nasce da ação conjunta entre os opostos – realidade e forma, contingência e necessidade, passividade e liberdade, etc. Então o conceito de humanidade já pressupõe em si, a beleza. Logo, vemos que a beleza enquanto plenitude da humanidade nasce da harmonia entre os impulsos. Somente quando o homem alcança sua plenitude – no impulso lúdico, forma viva – a partir da educação estética, é que ele consegue jogar e, por consequência, exalar o belo, a liberdade.

2.1 REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DE SCHILLER NA CONTEMPORANEIDADE

Para se pensar a educação estética de Schiller na contemporaneidade, é preciso antes de mais nada encarar o fato de que o atual modelo educacional faz

com que as escolas e universidades se tornem, em sua maioria, criadoras de especialistas. Ou seja, a educação na atualidade se volta para a técnica e para o mercado, muitas vezes se rendendo a um estado de necessidade, onde o aprendizado serve apenas para garantir a sobrevivência material ou o sucesso econômico. Tal modelo tende a ser perigoso, pois encaminha-se para uma educação que se esquece daquilo que deveria ser um de seus principais alicerces, a formação humana.

Cabe salientar que a base ideológica da educação no Brasil do tempo presente tem sido pautada por um conjunto de reformas orientadas pelo neoliberalismo³ (Reforma do Ensino Médio, 2017, e BNCC – Base Nacional Comum Curricular, 2018, entre outras, são exemplos do amplo caminho das reformas da educação nacional desde o início dos anos 1990), tem assumido como centralidade: a tarefa de formar homens e mulheres “aptos” para o mundo do trabalho, competitivos e individualistas, que considerem “a educação como um bem essencialmente privado, cujo valor é acima de tudo econômico” e produtora de “capital humano”, com modelos de escolas extremamente hierarquizados, com gestão empresarial e elaborados pelo mundo privado (LAVAL, 2019, p.12-14)

Schiller vê a educação estética como a solução para o problema da modernidade, porém, pensar a educação estética na contemporaneidade, não necessariamente significa colocar mais aulas de artes no currículo (mas também pode ser, ou seja, também se faz necessária a ampliação do tempo de formação do indivíduo para as artes, para a estética ou para o belo, em contraposição à formação para a técnica, para o trabalho), mas sim adotar a beleza como o método pedagógico central. A obsessão contemporânea por métricas, rankings e competências produtivas se torna quase que como uma forma de tirania da razão (impulso formal) sobre a natureza humana. Tal obsessão fica ainda mais explícita quando pensamos sobre o próprio processo avaliativo escolar, que muitas vezes visa a lógica e a memorização passiva, não dando tanta ênfase a algo que é essencial na formação humana, a criatividade. A escola deveria ser o espaço do impulso

lúdico (SCHILLER, 2002, p. 74), do jogo, onde o estudante não é apenas um recipiente de dados, mas um criador que harmoniza o rigor do pensamento com a liberdade da imaginação.

Em um mundo dominado pela métrica e não pela profundidade humana, cabe-se pensar o conceito schilleriano de jogo. O conceito de jogo é utilizado por Schiller para explicitar a harmonia entre os impulsos, onde a beleza só é gerada quando forma e vida jogam. No jogo não há predominância de nenhum dos impulsos. Pode-se dizer que o jogo é a ampliação máxima do conceito de beleza. Ou seja, com a beleza o homem joga e somente com ela deve jogar, pois ela é que o torna pleno (SCHILLER, 2002, p. 80). Assim, para Schiller a arte (Lúdico / beleza) teria poder educativo a partir da harmonização dos impulsos. Isto é reforçado por Ricardo Terra (1992, p.4) quando cita que “A razão abstrata não pode educar a humanidade e sim a arte, pois na arte encontra-se a harmonia entre sensibilidade e razão”. Somente quando o homem alcança sua plenitude – no impulso lúdico, forma viva –, é que ele consegue jogar e, por consequência, exalar o belo, a liberdade.

Trazer o conceito de jogo para a educação seria como criar um espaço onde o erro não é e nem deve ser sinônimo de punição através da nota, da gradação, mas explorado como uma possibilidade criativa. A educação deixaria de ser uma preparação para o mercado de trabalho e passaria a ser a própria prática da liberdade. Ao equilibrar razão (impulso formal) e experiência (impulso sensível), o processo educacional deixaria de apenas produzir especialistas, para formar cidadãos íntegros, capazes de sentir e pensar simultaneamente. Ou seja, seguindo a linha de pensamento de Schiller, a educação teria o poder de formar cidadãos belos, e, por que não dizer, humanos cidadãos

Por fim, pensar a Educação Estética de Schiller na contemporaneidade exige, antes de tudo, compreender que seu diagnóstico sobre a “fragmentação humana” permanece válido também na era digital. Em um mundo dominado pelas inteligências artificiais, em vez de apenas processar informações, o estudante deveria ser

³O neoliberalismo como ideologia: movimento que teve origem no pós 2ª Guerra, como reação teórica ao Estado de bem-estar social, ao New Deal e as redes de proteção social, inspirados pelas teorias desenvolvidas por Kohn Maynard Keynes (keynesianismo), que afirmava que o Estado era agente indispensável para o desenvolvimento econômico e social. Um dos textos fundadores da doutrina neoliberal foi o Caminho da servidão, de Friedrich Hayek, 1944. Com o avanço da recessão e da queda das taxas de acumulação dos lucros nos anos 1970, a ideologia neoliberal encontra solo fértil para prosperar. Suas principais orientações, desde sua fundação: Estado forte e no controle do dinheiro, mas que passaria a utilizar sua capacidade para romper o poder dos sindicatos e organizações sociais; compressão da massa salarial dos trabalhadores; estabilidade monetária e disciplina orçamentária, com contenção dos gastos sociais (saúde, educação, moradia); “restauração das taxas naturais” de desemprego e ampliação do exército industrial de reserva (mão-de-obra para o trabalho); reformas fiscais que beneficiassem os principais agentes econômicos do mercado (mundo privado); redução de impostos para os mais ricos; desigualdade como valor positivo; combate ao “comunismo”. Principais teóricos desse movimento: Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken e Michael Polanyi, entre outros. O ideário neoliberal será assumido quase na sua totalidade pelos dirigentes das instituições multilaterais da ONU (FMI e Banco Mundial) no decorrer dos anos 1980 e 1990 e seus princípios orientaram as negociações das dívidas externas dos países mais pobres. (ANDERSON, 1995; HARVEY, 2014)

incentivado a "dar forma" ao mundo, transformando o conhecimento bruto em uma expressão de sua própria subjetividade. No fim das contas, a lição de Schiller para a atualidade é que o objetivo da educação não deve ser moldar o indivíduo para que ele caiba no Estado ou na economia, mas sim fornecer-lhe os meios estéticos para que ele possa, com autonomia, reconstruir a si mesmo e à sociedade.

3. METODOLOGIA

O presente texto, trata-se de uma pesquisa teórica e analítica, na qual, a partir dos conceitos de impulso sensível (vida), formal (forma), lúdico (forma-viva) e educação estética, busca-se entender/compreender como eles se relacionam no processo educacional, dado por Schiller como algo essencial para a recuperação da natureza do homem moderno. A partir destes conceitos, buscamos refletir sobre o processo educacional na contemporaneidade e como este poderia ser pensado à luz do pensamento de Schiller.

Para que esta pesquisa fosse possível, utilizamos como principal referência as concepções do filósofo moderno Schiller (1759-1805), presentes em suas obras "A educação estética do homem" – conhecida também como "Cartas Estéticas". Assim como "Resposta à pergunta: o que é iluminismo?" de Kant, "Schiller e os gregos" de Pedro Sussekind, "Nas trilhas de Schiller e Kant: Beleza e Moral, uma síntese antropológica" de Ralphe Bezerra e "Atualidade de Schiller" de Ricardo Terra. Estas obras foram essenciais e forneceram, conceitualmente, o material para a reflexão proposta neste trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Schiller escreve as cartas estéticas, é notável que ele não tem pretensão de elaborar uma proposta para as gerações posteriores. Não somente é notável, como o mesmo deixa bem claro que está escrevendo para a sua época (SCHILLER, 2002, p.21). A decepção de Schiller é com a fragmentação que foi gerada pelo iluminismo em sua época. Ou seja, antes de qualquer reflexão posterior, é importante entendermos que a proposta de uma educação estética tem como principal intuito o resgate da natureza do homem moderno.

Porém, uma reflexão sobre a educação na contemporaneidade à luz de Schiller, não se torna uma tarefa difícil. Assim como o iluminismo gerou a fragmentação do homem moderno ao priorizar a razão, a educação na atualidade também segue o mesmo rumo,

quando assume o modelo neoliberal. Uma educação que se preocupa muito mais com métricas, rankings, metas, e se encaminha para o enfraquecimento da formação humana. Ou seja, não há um equilíbrio. À luz de Schiller, a educação estética é quem poderia auxiliar neste processo, equilibrando necessidades sensíveis e racionais.

O principal intuito da educação estética é o enobrecimento do homem por meio do jogo harmônico entre os opostos, vida e forma. Tal jogo só é possível a partir de um conceito mais elevado, que consegue abarcar ambos em sua composição. Este novo conceito só pode ser oferecido pela arte, onde nada intervém, mas que pelo contrário, ela é quem tem o poder de intervir no homem e elevar sua humanidade, tornando-o belo.

Segundo Schiller, o homem só alcança a plena antropologia quando suas forças aparentemente opostas - impulso sensível e impulso formal - são colocadas em jogo. No jogo não há predominância de nenhuma delas, mas da própria beleza, que plenifica o homem. Com ela os homens se tornam íntegros, ao ponto de parecer que em nenhum momento a sociedade se fragmentou ou veio a decair. Somente a beleza é quem tem o poder de tornar o homem assim como ela, belo.

Portanto, fazendo um paralelo com nosso período, educar para a beleza é, no fim das contas, a única maneira de garantir que o homem não se torne apenas uma engrenagem do Estado ou do mercado, mas um ser íntegro, autônomo e verdadeiramente livre para reinventar a si mesmo.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

BEZERRA, Ralphe Alves. **Nas trilhas de Schiller e Kant: Beleza e Moral, uma síntese antropológica**. 2018. 137 f. Tese (Doutorado em Filosofia): Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PPGF, Fortaleza, 2018.

HARVEY, David. **Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2014.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é o Iluminismo?** Trad. Artur Morão. In: **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 1990. P:11-19.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SUSSEKIND, Pedro. **Schiller e os Gregos**. Belo Horizonte, KRITERION, nº 112, Dez/2005, p. 243-259.

TERRA, Ricardo. Atualidade de Schiller. São Paulo: Novos Estudos, Editora 34, vol.3, Nov/1992.